

Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmento

CONQUISTA POR VIA ESPIRITUAL, DA PROVÍNCIA DE TIMOR PARA A NAÇÃO PORTUGUESA.

SILVA, Francisco F. da

Ano: 1938 | Número: 48

Como citar este documento:

SILVA, Francisco F. da, Conquista por via espiritual, da Província de Timor para a Nação Portuguesa. *Revista de Guimarães*, 48 (1-3) Jan.-Set. 1938, p. 17-34.

Casa de Sarmento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmento, 51
4800-432 Guimarães

E-mail: geral@csarmento.uminho.pt

URL: www.csarmento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Conquista, por via espiritual, da Província de Timor para a Nação Portuguesa (*)

Queridos jovens! A convite e por vontade do muito ilustre Reitor dêste Liceu, aqui estou hoje a falar-vos.

Para vos fazer uma conferência? Não, meus amigos, não é êsse o meu intento. Ao comprometer-me a vir aqui, tencionei diver-vos em singelas palavras, em linguagem correntia, algumas coisas que eu julgo interessantes e, para alguns de vós, até mesmo desconhecidas e instrutivas, sôbre a mui famosa Província de Timor, a mais longínqua do nosso ainda vasto e precioso Império.

Vou, pois, falar-vos, assim ao modo e ao jeito de quem familiarmente conversa, com a singeleza e o à-vontade com que os avozinhos costumam contar aos netos as recordações da sua já remota juventude, enquanto o fogo benfazejo e acalentador crepita na lareira antiga. A minha fala de hoje aqui, perante vós, meus caros jovens, não é, como vereis, uma conferência profunda e grave onde eu vá tratar qualquer dos grandes problemas ou teses coloniais, mas antes o folhear de umas tantas páginas, já desbotadas pelos anos, que eu vou arrancar ao livro volumoso dos minhas saúda-des, oferecendo-as com tôda a minha alma e boa vontade a vós, meus caros jovens, na intenção de que vós aprendais a apreciar melhor aquele afastado torrão português nas suas naturais riquezas e belezas; a melhor aprenderdes a venerar a memória ilustre daqueles

(*) Palestra realizada em 5 de Fevereiro de 1938, perante os alunos do 2.º ciclo do Liceu de Martins Sarmento.

portugueses de antanho que pelas suas façanhas gloriosas «se foram da lei da morte libertando» e vos esforceis por vos tornardes dignos de herdar as vastas riquezas que êles amontoaram à custa de mil heroísmos prodigiosos, pelo vosso amor à nossa Terra-Mãe, pela imitação daquelas virtudes magníficas que tornaram os seus nomes ilustres e imortais e a sua e nossa Pátria grande e poderosa.

¡ Como eu lastimo, neste momento, que o que hajais de ouvir da minha bôca seja tão pobrezinho e sem valia, contraste flagrante das coisas altas e belas de que eu quero falar-vos! Mas quem dá o que tem, não está obrigado a mais.

*

E' a nossa Província de Timor formada por mais de metade da Ilha do mesmo nome e ainda pela ilha de *Poelo Cambing* (designação malaia cuja tradução em língua portuguesa é: *Ilha dos Carneiros*), situada ao norte de Timor, mesmo em frente da cidade de Dili e dela distante talvez uma dezena de milhas. Tem esta pequena ilha a área de 144 quilómetros quadrados e uma população muito deminuta. Quando eu vivi naquelas regiões orientais, diziam-me que o seu terreno era muito apropriado à plantação dos coqueiros, árvore de grande valor económico naquela província ultramarina.

Dos 31.000 quilómetros quadrados que mede tôda a ilha de Timor, pertencem à nossa Jurisdição 19.000, números redondos. O resto faz parte do Império das Índias Holandesas. E' a última parcela daquele Império famoso que nós possuímos outrora, nos áureos tempos do nosso fastígio e esplendor.

Esta nossa possessão — a mais afastada da Metrópole — apesar de minúscula porção, veneranda relíquia do extensíssimo Império que perdemos, é, ainda assim, uma bela colónia. A sua área — para que tenhais dela uma ideia mais sensível — é quasi a quarta parte da do nosso território continental; é, em extensão, a nossa quarta província ultramarina.

Fica situada na Malásia e faz parte do grande e famoso arquipélago da Sonda.

A ilha de Timor é muito montanhosa, tendo um

sistema orográfico muito interessante e caprichoso. Atravessa-a uma longa cordilheira que corre e se levanta ao centro da ilha, na direcção oeste-leste.

Lá, junto à fronteira do território holandês, se ergue um importante maciço de altas montanhas, de entre as quais se salienta a serra de *Cab-Lac*. Logo a seguir vem a de *Rame-Lau*, onde se encontra a maior altitude de tôda a cordilheira, no monte chamado *Tata-Mai-Lau*, que eu traduzo, e suponho que com muita aproximação — *O cimo mais velho*, ou ainda talvez melhor — *O Pico Avó*. Tem êste pico, segundo vi num levantamento feito por Gago Coutinho, que por Timor gastou muitos dias da sua mocidade como Oficial de Marinha, tem, ia eu dizendo, tal monte 3.012 metros acima do nível do mar. E deve ser assim, porque o actual Almirante e famoso sábio Gago Coutinho, sempre, desde moço, foi autoridade indiscutível em tal matéria. Quere isto dizer que o *Tata-Mai-Lau* tem mil metros ou mais que a maior altitude do continente português.

Fácilmente calculais, meus amigos e caros estudantes, a majestade e imponência daquela serra de cujo cimo se descortina o mar das duas costas e a maior parte dos terrenos da Ilha, apesar de tão extensa.

Ali subi eu no ano de 1926, em companhia do muito ilustre Bispo de Macau — D. José da Costa Nunes — ao tempo em Visita Pastoral às cristandades de Timor. Mas... não nos detenhamos; continuemos pela cordilheira fora. Vai-se ela alongando para leste, pelas montanhas de *Hato-Lia*, *Hôhó-Rai*, *Cai-Laco*, *Matan-Bian*, *Lari-Tame*, descendo depois gradualmente até ir morrer na extensa planície de *Iloamar* — com a serra de igual nome —, na extremidade oriental da Ilha.

¡Que encantadores e belos panoramas se desfrutam na contemplação de tôdas aquelas regiões tão pitorescas e tão lindas! Que pujança de vegetação por aqueles cerros e encostas! Que imponentes e fechadas florestas onde com dificuldade entra a luz fulva e alacre do sol! Como nos sentimos enleados e absor-tos em frente de tais maravilhas e nos vemos pequenos junto a qualquer gigante das florestas que mede vinte

e cinco metros e, às vezes, mais de altura! Quantas vezes nós, ao contemplarmos os admiráveis espectáculos e panoramas da natureza, sentimos dentro de nossa alma um tamanho enlêvo que nos impele a pensarmos na grandeza e sabedoria do Criador de tôdas aquelas belezas e encantos! Como é grande o poder de Deus que tais maravilhas criou e gratuitamente as sujeitou ao domínio e império do homem, para seu regalo e benefício!...

Das vertentes e encostas daquelas montanhas correm abundantes torrentes de cristalina e fertilizadora água, formando rios e ribeiras que vão desaguar uns no mar da costa norte, outros no mar que banha a costa sul.

E' o mar da costa sul, em regra, mais bravo, desabrido e de mais alterosas vagas. Por isso os indígenas na sua linguagem, onde há muito de pitoresco e de simbólico, chamam a êste mar — *Tássi-Mane*, que em português quer dizer — mar homem; e ao mar do norte, mais abrigado e por isso de mais remansadas e serênas águas, chamam — *Tássi-Fétu*: mar mulher.

Pois, como ia dizendo, tanto a um como a outro mar vão despejar suas águas vários rios e ribeiras. E digo rios, porque ainda que se diga e ensine que não há rios em Timor, me parece que com propriedade se pode dar a designação de rios à *Mota Lacló* e *Mota Loés*, na costa norte, e *Mota Sahe* e *Mota Dilor*, na costa sul, pois são correntes de água de curso permanente, até mesmo na longa época sêca em que não cai, durante meses, uma gôta de chuva. Quantas vezes tenho eu visto com menos volume de água muitos rios da Metrópole, na época das longas estiagens?! Para esclarecimento quero dizer-vos que a palavra *Mota* é, em dialecto *Tetum*, o têrmo que traduz o vocábulo Rio e também Ribeira.

O leito de alguns dêstes cursos de água é em áspero declive e, em pontos, quasi a prumo, neles descendo, das alturas das montanhas gigantes, as águas espumantes, caíndo ao longo das profundas e umbrosas ravinas, em ruído fragor, formando cascatas imponentes, saltitando pelos requebros caprichosos das encostas. A vegetação, das mais variadas espécies, rebenta, numa babel de ramos e folhagem cheia de viço

e fôrça, por todo aquele solo fecundo, a arfar de vida e fertilidade...

*

E' ali, nesses milhares de quilómetros de terra portuguesa, que vive, trabalha e progride meio milhão de pessoas que formam o Povo Timorense.

Quanto à sua origem e proveniência, muito se tem conjecturado e escrito.

Estudos de grande valia escritos por sábios de renome, que trabalharam com todo o aínco e ardente desejo de resolver o problema etnogénico e etnográfico de Timor, nunca conseguiram chegar a uma conclusão certa e satisfatória, tão complexa e difícil é tal questão. Apesar de todos os trabalhos scientificos, ainda hoje podemos dizer o que um dia afirmou Verneau d'êste assunto: «Ainda há muito que fazer para se chegar a esclarecer o problema etnológico timorense».

Sôbre êste assunto, e de entre os que ao seu estudo se dedicaram com todo o entusiasmo e ardor, quero destacar o nome do meu antigo companheiro da vida colonial, o distinto Oficial do Exército — António Leite de Magalhães —, que é cumulativamente um grande estudioso e admirável observador.

Num belo trabalho que publicou em 1920 (1), escrevendo sôbre a provável origem do povo timorense, depois de muito conjecturar e meditar, depois de estudar as características somáticas dos actuais indígenas de Timor, depois de muitas observações directas e *in loco*, de algumas das quais eu fui testemunha presencial, depois de ter feito o estudo comparativo dos vinte e tantos dialectos e sub-dialectos que em Timor são pelos indígenas falados, com outros que se falam nas várias ilhas da Insulindia, depois de ter consumido nestas investigações seis anos da sua vida, como êle mesmo escreve, não pôde chegar a uma certeza e a uma conclusão que tirasse tôdas as dúvidas, pois nada mais pôde afirmar que «consultando um vocabulário

(1) António Leite de Magalhães, *Subsídios para o estudo etnológico de Timor*, publicados nos «Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia», Pôrto, 1920, Vol. I, Fasc. II, págs. 37 a 65.

Batak, eu *tive a impressão* (escreve êle) de uma influência marcante dêsse vocabulário nos dialectos Kemak, Nôgó, Manua, Gári, Manbai e Tokodêdé, que são falados em quasi um têtço das terras timorenses que nos pertencem». E, mais diante, diz, ainda, *ser levado à convicção* de que *seriam os Bâtaks* os primeiros colonizadores da ilha (1).

E por uma citação que Leite de Magalhães faz neste trabalho, a que me venho reportando, se vê que o sábio etnólogo português, Dr. Mendes Correia, concluiu, num dos seus trabalhos scientificos, que o timorense por êle estudado, *devia parecer-se* com o Batak da gravura da *Histoire Générale des Races Humaines*, de Quatrefages.

Em todos estes estudos não se passa, como podeis ter notado, de uma *impressão* ou de uma hipótese mais ou menos fundada. E daqui o não poder dizer-se mais do que: *foram, mui provavelmente*, os Bâtaks os primeiros colonizadores que, vindos das montanhas do norte da Samatra, chegaram a Timor, já muito cruzados com o sangue dos diferentes povos por onde iam passando nas suas migrações várias e lentas e aqui se encontraram, cruzaram também com os malasianos, indígenas de raça amarela, talvez parentes próximos, senão irmãos, dos montanhesees das Celebes e das Molucas, que são conhecidos pela designação de Alfurros (2). E dêstes cruzamentos e ainda da mestiçagem com os aborígenes da Papuásia, a que podemos adicionar as variadas ligações com os indígenas da Austrália setentrional, com chineses e europeus, resultou não um homem-tipo a que se possa assinalar uma origem única, certa e definida, mas um homem onde se manifestam e descobrem sinais de várias raças e de muitos sangues.

E' a «*barafunda étnica*», na expressão viva de Leite de Magalhães. Sôbre êste tão confuso e complexo assunto, Garcez de Lencastre, outro meu contemporâneo em Timor, na sua conferência «O Povo Timorense», diz o seguinte: «A população Timorense

(1) A. L. de Magalhães, op. cit., págs. 53 e 54.

(2) *Ibidem*, pág. 63.

é hoje profundamente mestiçada de sangue melanésio e indonésio, com mistura de sangue papua em diversos graus» (1).

E' pouco satisfatória a conclusão? Mas é que, sobre tão intrincado problema, difficilmente se poderá dizer mais — honestamente — e, sobretudo, coisa mais clara ou melhor fundamentada.

*

¿ Há quantos séculos habitavam estas gentes as terras timorenses, quando ali, pela primeira vez, aportaram os portuguezes?

Ninguém, até hoje, o pôde dizer e assegurar, à falta de documentos comprovativos; mas com certeza que ali viviam há muito, pois que ao porem-se os portuguezes em contacto com aquella gente e terra, já os seus habitantes viviam fixados ao solo que agricultavam; já tinham vida de família, embora poligâmica; tinham a sua organização social e política; possuíam seus ritos e cerimónias religiosas, ainda que mui rudimentares e grosseiras.

As famílias viviam em casas independentes; e até o chefe de família que tinha mais que uma mulher, construía para cada uma delas casa própria e independente das outras.

O grupo destas habitações formava a povoação ou aldeia. O agrupamento de aldeias ou casais formava os *sukos*, que eram (para lhe arranjar na nossa organização social termo de comparação) uma espécie de concelhos cuja autoridade suprema tinha o nome de *Dató*. Finalmente a reunião dos *sukos* formava o *Reino* ou regulado, que era chefiado pelo *Liu-Rai* — Régulo, ou rei indígena. Ora uma organização como esta, assim a funcionar, não se obteve, certamente, senão depois de muitos e muitos anos.

Assim viviam os timorenses com esta organização administrativa e política, entregues aos seus trabalhos agrícolas e à pastorícia, regendo-se pelos seus costumes primitivos e às vezes bárbaros, praticando

(1) Garcez de Lencastre, «O Povo Timorense».

os ritos da sua religião, que era um amontoado de superstições, grosseiras e ridículas muitas delas, fazendo quantas vezes depender o destino da vida familiar ou individual, da paz ou da guerra, dos auspícios que os *Ema-Cai lulic*, espécie de sacerdotes gentílicos, colhiam ou diziam colhêr na observação das entranhas das vítimas imoladas... Assim viviam, pois, não se sabe ao certo desde que tempo, estas gentes, quando ali chegaram os portugueses nos meados do séc. XVI.

Naquela época Portugal, tornado guerreiro e cruzado, marinheiro e evangelizador, animado pelo sonho de grandeza e de glória que lhe entumecia a alma, firmava por tôdas as partes da terra o seu nome, o seu poderio e o seu domínio, dilatando a Fé de Cristo e a lei libertadora do Evangelho, ao mesmo tempo que dilatava o Império Português. Era a aliança fecunda da Cruz com a Espada, a realizar os prodígios estupendos que a História do mundo assinala e admira.

Na conquista, porém, da terra timorense para a Coroa portuguesa, nunca se empregou a espada.

E' com a mais viva e íntima ufania de Padre e Missionário português que vos digo, meus caros amigos, que Timor, essa linda jóia, foi acrescentada ao tesouro já valioso dos nossos domínios, pelo patriotismo e zêlo, amor e obra dos vêlhos e santos Missionários do século áureo.

Honremos a sua memória ilustre por mais esta benemerência e alto feito.

Coube aos beneméritos frades dominicanos portugueses essa desvanecedora glória de ganharem para Jesus Cristo muitas almas e para a Pátria mais um rincão de terra que iria ser portuguesa.

O autor da obra *Mitras Lusitanas no Oriente*, na 1.^a parte, a páginas 19, cita uma *Memória* acerca das Missões de Solor e Timor. Nessa memória lê-se o seguinte: «Em 1556, Fr. António Taveira foi o primeiro religioso dominico e prêgador evangélico que levou a notícia da nossa Fé às ilhas de Solor e Timor, onde fêz copioso fruto... A exemplo dêle partiram muitos outros religiosos às diversas partes...».

Além desta fonte, ainda podemos ler na *História de S. Domingos*, onde Fr. Luis de Cácegas relata os trabalhos apostólicos dos dominicanos portugueses, mais

claras e longas referências ao estabelecimento dos portugueses em Timor. No volume quarto das suas crônicas vemos que depois de os portugueses terem conquistado Malaca, fizeram dela um grande empório comercial e que entre as fazendas que mais procuradas eram no mercado malaqueiro, se contava o sândalo de Timor, madeira de suma utilidade pelos variados usos que dela faziam todos os orientais. «E como os naturais de Malaca faziam viagem a buscá-lo, não tardaram os Portugueses em mandarem também suas embarcações ao mesmo. Era o interêsse mui grosso...» (1). Assim escreve Fr. Luís.

E numa embarcação que, aí pelo ano de 1556, aparelhou para Timor, seguiu o frade dominico português António Taveira, convidado, como supõe o frade cronista Cácegas, pelo mercador e dono da dita embarcação que, sendo homem dotado de piedade e sentimentos religiosos, o quis levar como capelão para lhe ministrar os socorros do seu ministério sacerdotal, caso dêles viesse a precisar naquela arriscada e tão longa viagem. «Parece que ordenou Deus a viagem, continua o mesmo cronista, para remédio de muitos daqueles pobrezinhos com que tinha determinado povoar o Céu» (2). E tão copioso foi o fruto de sua evangelização por aquelas terras, que se afirma ter convertido e trazido à Fé cristã aproximadamente 5.000 gentios das ilhas de Timor e Solor, por onde passou nesta viagem.

Quando regressou a Malaca, Fr. António Taveira deu-se pressa em anunciar a D. Fr. Jorge de Santa Luzia, Bispo da Diocese, a abundante colheita de almas que fizera, dizendo que aquelas regiões donde chegara, havia pouco, eram povoadas de gente bem disposta para aceitar o Santo Evangelho.

D. Fr. Jorge, ao saber tais coisas, não quis que houvesse tardança em tentar essa evangelização e cometeu ao Prior do convento de S. Domingos de Malaca o encargo de ordenar e dispor quem havia de seguir.

(1) Fr. Luís de Cácegas, *História de S. Domingos*.

(2) *Ibidem*.

«Achava-se na casa o Padre Frei António da Cruz —relata Cácegas na sua crónica—, pessoa em que concorriam partes de virtude e prudência bastantes, para se lhe fiar qualquer grande emprêsa. Encarregou-o o Prior desta e deu-lhe três companheiros de bom espírito, nomeando-o por Vigário dêles. Do ano em que partiram, não nos consta ao certo; mas todos os antigos concordam em que foi junto do ano de 1561. E que era Governador e Capitão de Malaca Dom Francisco da Costa» (1).

Por esta alongada citação podemos concluir, com segurança, que os primeiros evangelizadores de Timor foram os dominicanos portugueses.

Ainda mais tarde, aí por 1630, foram enviados mais quatro missionários, entre os quais se contavam Fr. António de S. Jacinto e Fr. Cristóvão Rangel. O primeiro dirigiu-se, quando a Timor chegou, para o reino de Mena, onde foi muito bem recebido pela rainha. Mas, apesar disto, sempre ela resistiu as várias tentativas que fêz o missionário para a fazer cristã.

Mais afortunado foi Fr. Cristóvão Rangel. Este foi estabelecer-se no reino de Silaban e em breve conseguiu converter ao Cristianismo o Régulo com toda a sua Família.

O exemplo dado pela Família do Régulo fêz com que a maioria do povo seguisse na conversão o seu Chefe. Estava assim iniciada a cristianização de Timor.

Pouco tempo depois, o Missionário Rangel, servindo-se da sua preponderância no ânimo do Régulo de Silaban, aconselhou-o a que fizesse com o Rei de Portugal um acôrdo de Paz e Amizade perpétua. O Chefe seguiu gostosamente tal conselho, pondo-o logo em prática.

Estava dado o primeiro passo. A Coroa Portuguesa contava, desde então, mais um dominio. Timor começara a ser português. Isto foi, segundo os documentos, pelos anos de 1630 ou 1631.

Só dez anos mais tarde, em 1641, é que Fr. António de S. Jacinto conseguiu baptizar a rainha de Mena,

(1) Fr. Luis de Cácegas, op. cit.

o que muito veio facilitar a cristianização do povo timorense. Chegaram, com o decorrer dos tempos, a um alto esplendor estas missões.

Vários foram os acontecimentos que se deram ao longo dos anos e que seria impossível aqui referir. Mas sabe-se que a evangelização de Timor ia crescendo e alargando dum modo admirável e em breve se notou que já eram poucos os operários para tão ampla seara, não só pelo grande número de convertidos, mas ainda porque eram também os missionários que tinham de governar no temporal aquela colónia. Por diferentes vezes tiveram de se pôr à frente dos guerreiros para defenderem a independência do território ameaçado especialmente pelos holandeses, os nossos rivais e históricos inimigos.

Vendo os religiosos que mister se tornava haver alguém, que não êles, para reger os destinos políticos da Província, escreveram aos seus superiores, pedindo-lhes que levassem ao conhecimento do Rei de Portugal ser necessário nomear Ele alguém que, em seu nome e autoridade, viesse governar no temporal aquelas terras e gentes que os missionários tinham ganho e oferecido à sua grande Pátria — Portugal!

Foi por isto que no ano de 1701, sendo Rei de Portugal D. Pedro II, chegou a Timor o seu primeiro Governador, chamado António Coelho Guerreiro (1). Por êste foi a praça de Lifan elevada à categoria de capital de Timor. Desde esta data ficaram os missionários sòmente com a direcção e formação espiritual do povo timorense. E enquanto os soldados e civis iam ocupando o território e trabalhando na ordem temporal para o progresso e engrandecimento daquela província, entregavam-se os missionários, agora já libertos das preocupações temporais, ao desenvolvimento dos indígenas, ilustrando-lhes a inteligência por meio da instrução que lhes ministravam, formando-lhes o carácter e robustecendo-lhes a vontade com os elevados ensinamentos que promanam do Evangelho de Jesus.

(1) Vidê «Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau», N.º 394, pág. 500.

«O pessoal missionário era agora numeroso e por isso a conversão de Timor foi quasi completa. Não havia reino ou povoação de certa importância que não tivesse a sua igreja. Houve até dois Bispos de Malaca que fixaram por muito tempo a sua residência em Timor, onde vieram a falecer, um em 1719 e o outro em 1744» (1).

Mas várias adversidades se ergueram contra esta obra admirável e grande dos missionários portugueses, naquela terra longinqua. Durante esta já longa cadeia de anos, sérias contrariedades e vários reverses sofreram as missões.

Um dos maiores foi em 1834, em consequência do decreto do ministro Joaquim António de Aguiar, que extinguiu as Ordens Religiosas em Portugal. Os beneméritos dominicanos, em virtude de tal decreto, tiveram de abandonar a terra de Timor, que elles mesmos tinham ganho e oferecido à Nação!

Em virtude desta iniquidade, sofreram os serviços da evangelização e civilização um rude e fundo golpe, pois a obra missionária, que era extensa e grandiosa, teve de ficar praticamente abandonada. Daqui resultou que em muitos lugares a luz da Fé se foi extinguindo e a árvore do Evangelho estiolando.

Vinte anos mais tarde, já quando o bispado de Malaca estava extinto e Timor tinha passado para a jurisdição da Diocese de Goa, foram mandados para ali alguns Padres goeses, que faziam o que podiam, para de alguma forma substituirem os antigos e preciosos missionários dominicanos.

Depois... o tempo e as circunstâncias começaram a actuar benêficamente. E as Missões tinham já readquirido grande parte do antigo esplendor, quando, em 1910, o furacão devastador que passou pela Terra Portuguesa, derrubando tantas obras seculares e maravilhosas, caiu também impiedoso sobre as obras missionárias de Timor, que de novo sofreram prejuízos incalculáveis. Porém, o ciclone passou... e o tempo, que é a mais eficaz medicina para tais males, também desta vez produziu os seus efeitos salutaes e salvadores.

(1) Vidè «Bol. Ecles. da Diocese de Macau».

E, das ruínas das instituições antigas, de novo renasceram, cheias de vigor, obras mais importantes e belas.

A actividade missionária de hoje naquelas longínquas paragens, guiada pela mão forte e hábil de D. José da Costa Nunes, Bispo muito ilustre de Macau, é qualquer coisa de palpavelmente grande e admirável, que há-de realizar, ou poderá realizar, a evangelização total da Província, se na sua frente não surgir qualquer obstáculo, ou sôbre ela não desabar qualquer cataclismo histórico, semelhante aos que no passado a desolaram.

*

Não é azado o momento, nem apropriadas as circunstâncias, para agora aqui fazer a biografia dos portugueses que no decorrer dos anos têm governado Timor, desde 1701 até nossos dias, nem falar das medidas governativas de cada um dêles. Mas não resisto ao desejo de vos dizer breves palavras sôbre alguns que mais se notabilizaram pelos seus trabalhos.

Além do primeiro, que em 1701 estabeleceu a capital da Província em Lifan, no reino de Oecussi, capital que mais tarde houve de ser abandonada, em virtude duma revolta quási geral dos daquele reino, passando então a ser Dili a capital; além dêste, mencionarei o Governador Alcoforado que, no ano de 1815, introduziu em Timor a cultura do café, que em breve se tornou, e ainda hoje é, a principal riqueza agrícola da Colónia.

Passados alguns anos, em 1834, outro Governador, José Maria Marques, trabalhou por que se intensificasse a cultura do coqueiro, cuja amêndoa — *copra* — atinge, por vezes, elevados preços nos mercados mundiais.

Um dos mais notáveis Governadores foi Afonso de Castro, com o qual começou, aí por 1858, a bem dizer, o progresso e fomento agrícola de Timor. Foi êle quem tornou obrigatória, para o indígena, a cultura do café, sob um regímen semelhante ao dos antigos colonos parciários, recebendo uma percentagem da colheita geral. Escreveu também um muito curioso e sensato livro sôbre a História e o povo de Timor.

Outro Governador, também ainda saudosamente lembrado no tempo em que andei por Timor, foi o General Hugo de Lacerda, «o primeiro Governador que começou a melhorar Dili, abrindo um canal de esgôto para o mar, do pântano que havia entre Dili e os primeiros montes, e fazendo a estrada que vai de Dili para Lahane, atravessando o pântano» (1).

Mas, de todos, o maior dos Governadores foi o Coronel José Celestino da Silva, hábil político que conseguiu fazer a ocupação total da Província, mesmo daqueles pontos que até o seu tempo tinham sido nossos apenas nominalmente. Quando êle saíu, em 1908, Timor estava real, efectiva e totalmente ocupada. Governou desde 1894 a 1908.

Por fim, e já do tempo em que eu vivi em Timor, é justo salientar Filomeno da Câmara, que ardorosa e patrioticamente trabalhou e fêz trabalhar, no desenvolvimento da riqueza agrícola e pecuária da Província.

*

Assim tem vindo, há séculos, o génio colonizador e missionário dos portugueses valorizando — à semelhança do que fizera por todo o mundo — aquelas terras e longínquas paragens onde, deste tantos anos, flutua o pavilhão nacional por obra e esforço dos missionários e capitães portugueses.

Devido ao seu aturado labor se foram, a pouco e pouco, transformando e aperfeiçoando os costumes, hábitos sociais e cultura mental daquelas quasi 500.000 pessoas de índole tão bizarra, que o seu estudo tem proporcionado tema e matéria para vários trabalhos, às vezes bem opostos.

O indígena, a meu ver, não é tão indolente como no-lo descreve Afonso de Castro, no seu livro acima citado; mas também não tão activo, como no-lo faz supor Garcez de Lencastre no seu trabalho — «O Povo Timorense».

E' mole e preguiçoso, quando pode ou o deixam, como todo o genuino oriental, filho dum país ferti-

(1) «Portugal Missionário», pág. 318.

líssimo, onde o necessário à vida se obtém quasi sem esforço.

E o que nos obriga a ser activos é a necessidade de vivermos e procurarmos extrair dum terreno pobre e pouco fértil os alimentos necessários para a nossa subsistência.

Ora Timor é de uma fecundidade espantosa. Quasi sem esforço obtém o homem o milho que é, junto com o arroz, a base de toda a alimentação do povo timorense. Basta ter um pau aguçado para abrir um buraco no terreno, onde previamente se tem queimado o mato ou os paus e fôlhas sêcas que o juncavam, e depois nesse buraco lançarem dois ou três grãos de milho. Isto basta para, três meses depois, aproximadamente, poder colher-se a sementeira. Se tão pouco custasse a colheita do milho aos nossos lavradores, seriam êles tão activos e trabalhadores?

Numa terra onde a vinha pode, se assim o quisermos, frutificar três vezes durante o ano, e onde a banana, a batata doce, o inhame e outros frutos tão alimenticios e saborosos crescem, se propagam e se oferecem ao homem, quasi sem que êle tenha necessidade de os procurar, num terreno assim tão produtivo e fecundo, que admira que o homem seja indolente?...

E' certo o que afirma Garcez de Lencastre: «O indigena tem sido o principal e o grande colonizador da ilha» (1). Mas quantas vezes se torna mister que a sua actividade seja espicaçada pela mão forte e, até, em algumas ocasiões, dura de quem governa?

O indigena de Timor é de indole reservada, não se abrindo senão depois de ter longa familiaridade com alguém, especialmente se êste é homem estranho à sua raça. E' de intelligência mais que vulgar, com grande propensão para os trabalhos manuais e artisticos e também para a música. E', particularmente em estado selvagem, muito hábil em descobrir as pègadas e pistas.

Aprende a ler e a escrever com facilidade e rapidez a língua portuguesa, que fala com muitos erros, mas que percebe muito razoavelmente. Assimila de-

(1) Garcez de Lencastre, op. cit.

pressa os hábitos da nossa civilização! Dêste quasi meio milhão de timorenses, são católicos cêrca de uns cem mil; os restantes são fetichistas, animistas.

*

A Província de Timor é, como vêdes, uma terra sob vários aspectos mui curiosa. O estudo do seu folclore e da indumentária do seu povo; da sua opulência agrícola ou pecuária; da sua riqueza hidrológica; do valor do seu solo e sub-solo, onde se encontra o ouro precioso e o cobre tão útil ao homem, e onde o petróleo corre em torrentes que às vezes afloram à superfície da terra, misturando-se com as límpidas águas correntias — estes, e tantos outros assuntos, são sugestivos temas, não para uma palestrazita como esta, mas para, sôbre êles, se escreverem muitos volumes cheios de interêsse.

Meus caros jovens! Há já tanto que vos estou falando sôbre Timor e se bem reparo, quasi nada, afinal, vos disse do tanto que poderia ter dito. Contudo, vejo também, que não devo abusar mais da vossa paciência e da vossa delicadeza e atenção que tanto me penhora.

O que de mim ouvistes, meus amigos, sendo pouco, é o suficiente para começardes a formar daquela nossa Província ultramarina uma ideia mais conforme à verdade e também poderdes avaliar o esforço colonizador e a herôicidade paciente e forte da nossa raça e da nossa gente.

Aqui vos deixo, meus caros estudantes, em pobre estilo singelo, alguns dos traços fisionômicos mais salientes dessa longínqua terra portuguesa onde passei quasi 18 anos da minha vida, entrando ali com pouco mais de 22 anos e de lá saíndo depois dos 40, regressando ao lar já quando a neve começava a branquear *na serra*, avisando-me de que estava à porta a quadra triste do Inverno da vida.

Porque nessa Terra muito vivi, alguma coisa sofri e trabalhei, por isso lhe dedico êste especial carinho que me fêz ir tão longe nesta conversa convosco.

Nenhum de vós achará estranho que sendo eu português, cultive em meu coração a flor — Saúde,

o sentimento mais característico da nossa raça e do nosso povo.

Vim hoje aqui falar-vos de Timor, para que melhor a possais apreciar para o futuro. Timor é a última relíquia daquele vastíssimo domínio que ia desde Malaca até os confins do arquipélago da Sonda e por onde nós passámos como dominadores e senhores, por lá deixando bem impresso e fundamente gravado o sinal do nosso esforço colonizador e das nossas altas façanhas, nos panos hoje rotos das muralhas e fortalezas, nos campanários e naves dos templos, nas inscrições lusíadas sôbre as alfaias sagradas ou nos bronzes hoje ennegrecidos das bombardas que atroaram temerosas nos céus do Oriente, nesses recuados tempos heróicos em que dominávamos em todo o mundo e o nosso nome, o nome português, era não sòmente temido, mas também respeitado, o que vale mais e é mais belo!...

*

Quando pensamos na gigantesca actuação nossa por todo o mundo, sentimos uma reconfortante ufania de termos nascido portugueses. A nossa obra como colonizadores é o espanto dos próprios estrangeiros que a sério estudam a nossa História, naquela época gloriosa de expansão e esplendor.

Deixai-me que vos repita uma citação feita por Garcez de Lencastre no seu trabalho «O Povo Timorense», a que me referi mais de uma vez. E' do Conde de Gobineau, que ao apreciar a nossa obra colonizadora a classifica como: «Um dos maiores espectáculos da História!» Em menos palavras, ninguém poderia dizer melhor...

E todo êsse enorme trabalho foi realizado por um povo de pouco mais de um milhão de habitantes, vivendo num pequeno recanto da Europa! Tão certo é que das Nações, como dos homens, se pode afirmar que se não medem aos palmos!

E por que é que os portugueses dessas eras foram criadores de impérios e realizadores de tamanhas maravilhas?

Porque tòda a Nação vivia, desde o seu chefe supremo até aos simples gageiros das naus das desco-

bertas e conquistas, unida no mesmo pensamento de grandeza heróica. Por isso possuíam a fôrça incalculável que dessa união resultava. Era a união de tôdas as vontades à volta da mesma aspiração colectiva.

Lição é esta muito oportuna, especialmente para vós, meus caros jovens, que dais os primeiros passos no caminho da vida. Nesta lição, que deveis com tôda a atenção não só estudar, mas ainda meditar, para bem a aprenderdes, vêdes o poder dinâmico da união das vontades em volta duma ideia. Aqui se confirma a velha sentença popular: — A união faz a fôrça.

Mas cautela, meus caros jovens! Deixai que vos advirta de que não basta possuírmos fôrça, para realizarmos obra grande, perdurável e útil. Olhai que há fôrças nefastas e destrutivas que derrubam e arrasam tudo por onde passam.

E' preciso, pois, que aprendais a pôr a fôrça que venhais a possuir, ao serviço de ideais nobres, generosos e fecundos.

Os portugueses dos séculos XV e XVI realizaram obra «grande e quási eterna», no dizer do Épico genial, porque colocaram a misteriosa fôrça que lhes enchia o peito e agitava a alma ao serviço dos mais belos e fecundos ideais, dos dois mais formosos amores: o amor de Deus e o amor da Pátria!...

Assim igualmente vós, todos nós, portugueses de hoje, teremos, para realizarmos as nossas aspirações de felicidade e grandeza, de pôr tôdas as nossas energias morais e espirituais ao serviço daquelas ideias mestras. Foram elas que fizeram multiplicar tanto, tanto, as fôrças dêste minúsculo povo do ocidente europeu, que êle pôde sair um dia da sua pequena casa lusitana e dar a volta ao mundo e conhecer e possuir domínios tão vastos e tão largos que chegaram para formar diferentes Impérios que do seu se desmembraram. E depois dessa partilha, ainda êle ficou sendo o senhor do terceiro Império Colonial do mundo!

Grande, admirável lição para todos nós! Esforcemo-nos por bem a aprender e compreender e, sobretudo, saibamos realizar o que ela nos está ensinando.